

CAMILLA LÄCKBERG



ASAS DE PRATA

COMO A VINGANÇA DE UMA MULHER
PODE SER BELA E BRUTAL



Primeira Parte

Dois presidiários, condenados por homicídio, escaparam esta manhã, durante um transporte. Quando os guardas prisionais pararam num local de descanso na auto-estrada E4, na região de Gränna, os homens aproveitaram a oportunidade e fugiram para a floresta circundante.

Várias patrulhas policiais foram chamadas ao local, mas as buscas pelos fugitivos foi, até agora, infrutífera.

De acordo com a porta-voz dos Serviços Criminais, Karin Malm, os homens não são considerados perigosos para a população em geral.

Retirado do jornal *Aftonbladet* do dia 5 de Junho

Faye ligou a máquina da *Nespresso*. Enquanto esperava pelo seu café, olhou pela enorme janela da cozinha. Como sempre, ficou fascinada pela vista.

A casa em Ravi transformara-se no seu paraíso na Terra. A localidade em si não era particularmente grande, tinha cerca de duzentos habitantes permanentes. Demorava-se qualquer coisa como cinco minutos a percorrer toda a aldeia a pé, se se andasse devagar. Mas no meio da pequena praça havia um restaurante que fazia as melhores *pizzas* e pratos de massa que Faye alguma vez tinha comido. E estava lotado todas as noites. Por vezes, apareciam alguns turistas, e, principalmente por volta do final de Maio, começavam a ser cada vez mais. Entusiasmados ciclistas franceses ou reformados americanos que tinham alugado uma autocaravana e agora realizavam o sonho de ver Itália enquanto os filhos adultos se perguntavam desesperadamente por que motivo os pais insistiam em ter vida própria em vez de serem os *babysitters* de serviço dos netos.

Mas nenhum sueco.

Faye nunca ali vira um sueco desde que comprara a casa, e isso, por si só, fora um factor decisivo na escolha do local. Na Suécia, tornara-se uma celebridade nacional. Em Itália, não só queria como também precisava de ser anónima.

A bela e antiga propriedade que comprara não ficava dentro da vila, mas a uma distância de vinte minutos a pé, situada no cimo de uma colina, com vinhas que trepavam pela encosta até à casa. Faye adorava subir e descer aqueles montes, ir comprar pão à padaria, queijo e presunto locais. Era um verdadeiro lugar-comum de uma vida no interior italiano, e Faye apreciava-o ao máximo. Assim como a sua

mãe, Ingrid, e também Kerstin e Julienne. Tinham-se tornado um quarteto completamente consolidado, ao longo dos dois anos que tinham passado desde que o ex-marido de Faye, Jack, fora condenado a uma pena de prisão por homicídio.

Kerstin e Ingrid competiam pela tarefa de mimar Julienne e, agora que Kerstin passava cada vez mais tempo longe delas, Ingrid assumira a responsabilidade de lhe enviar fotografias e actualizações diárias sobre Julienne.

O café ficou pronto. Faye pegou na chávena e atravessou a sala de estar em direcção às traseiras da casa, onde o chapinhar e gritos alegres de criança revelavam a existência de uma piscina, ainda antes de ela se tornar visível. Faye adorava aquela sala de estar. Levara algum tempo a decorar a casa, mas alguma paciência e um dos *designers* de interiores mais qualificados de Itália permitiram-lhe conseguir exactamente aquilo que queria. A casa tinha grossas paredes de pedra, que isolavam o espaço do calor extremo e deixavam o ambiente fresco mesmo nos meses mais quentes de Verão, tornando também o interior ligeiramente escuro. Esse facto fora resolvido com grandes móveis claros e muita iluminação embutida. As enormes janelas para a parte de trás da casa também permitiam a entrada de mais luz natural. Faye adorava a forma como a sala se fundia, quase imperceptivelmente, com o terraço.

Os cortinados brancos esvoaçantes acariciaram-na quando saiu para o exterior. Bebeu um pouco do café e observou a filha e a mãe, que, de início, não repararam nela. Julienne estava tão grande, o cabelo quase branco de tão clareado pelo sol. Ganhava novas sardas no nariz e no rosto praticamente todos os dias e estava linda, saudável, feliz. Tudo o que Faye desejara para ela. Tudo o que uma vida sem Jack tornara possível.

— Mãe, mãe! Olha, já consigo nadar sem as braçadeiras!

Faye sorriu e fez uma expressão de surpresa para mostrar à filha a enormidade que aquela conquista lhe parecia. Julienne nadou para a parte mais profunda da piscina, com braçadas um pouco

desajeitadas e penosas, mas, efectivamente, sem qualquer auxílio das braçadeiras com bonecos, que repousavam à beira da piscina. Nervosa, Ingrid olhava para a neta, meio sentada, meio de pé para poder mergulhar rapidamente na água, em caso de necessidade.

— Acalma-te, mãe. Ela consegue.

Faye continuou a beber o seu café, que estava a acabar rapidamente, e deu alguns passos pelo terraço. Arrependeu-se de não ter preparado antes um *cappuccino*.

— Ela insiste em ficar na parte mais funda... — comentou a mãe de Faye com um ar algo inconsolável.

— Sai à mãe.

— Pois, isso sei eu, obrigada!

Ingrid riu-se e Faye sentiu-se impressionada, como tantas outras vezes ao longo daqueles dois últimos anos, pela beleza da mãe... apesar de tudo a que vida a sujeitara.

As únicas pessoas que sabiam que Ingrid e Julienne estavam vivas eram Faye e Kerstin. Para o resto do mundo, ambas tinham morrido. Julienne, assassinada pelo pai, um crime pelo qual Jack agora cumpria uma pena de prisão perpétua na Suécia. Ele estivera tão próximo de aniquilar Faye. O seu amor pelo marido fizera dela uma vítima. Não obstante, no final, fora a ele que lhe calhara a fava.

Faye foi ter com a mãe e sentou-se ao seu lado num dos sofás de verga. Ingrid continuou a olhar fixamente para Julienne, o corpo tenso da cabeça aos pés.

— Tens de ir embora outra vez? — perguntou-lhe, sem desviar os olhos da neta.

— A expansão para os Estados Unidos está a aproximar-se a passos largos e ainda temos todo o trabalho a fazer com a nova emissão de acções. Se conseguir assegurar a compra em Roma, essa empresa vai ser um forte complemento para a Revenge. O Giovanni, o proprietário, quer vender, só tenho de o fazer perceber que o preço que lhe propus é a melhor oferta que ele vai conseguir. Mas, como todos os homens, ele sobrevaloriza muito o seu próprio valor.

A sua mãe olhou ansiosamente de Faye para Julienne.

— Não percebo porque é que continuas a trabalhar tanto. Já só tens dez por cento da Revenge e, com aquilo que conseguiste pelas tuas acções, nunca mais precisas de levantar um dedo na vida.

Faye encolheu os ombros, bebeu o que restava do café e pousou a chávena na mesa redonda de vidro.

— Claro que uma parte de mim gostava de ficar aqui a passar mais tempo com vocês. Mas tu conheces-me, acho que morreria de tédio ao fim de uma semana. Não importa quantas acções ainda tenho, a Revenge é o meu bebé. E ainda sou a presidente do Conselho de Administração. Além de sentir uma responsabilidade enorme para com todas as mulheres que investiram ao início e que agora são accionistas da Revenge. Elas arriscaram comigo, com a empresa, e quero continuar a administrar isso. Ultimamente, até tenho andado a pensar em voltar a adquirir uma participação maior, se algumas delas estiverem dispostas a vender. Seja como for, todas terão excelentes retornos.

Ingrid ergueu-se ligeiramente quando Julienne chegou à outra ponta da piscina e deu a volta.

— Sim, pois, irmandade e essas coisas — comentou. — Eu talvez não tenha a mesma visão que tu da lealdade das mulheres.

— Novos tempos, mãe. As mulheres estão unidas. Seja como for, a Julienne não se importa que eu vá rapidamente a Roma. Falámos sobre isso ontem.

— Sabes que eu acho que fazes um óptimo trabalho, não sabes? Que estou orgulhosa de ti?

Faye agarrou a mão de Ingrid.

— Sim, sei disso, mãe. Agora toma lá conta da miúda e certifica-te de que não se afoga. Num abrir e fechar de olhos, estou em casa outra vez.

Faye foi até à borda da piscina, onde uma Julienne resfolegante alternava braçadas com golos de água involuntários.

— Adeus, meu amor, vou-me embora agora!

— Adeus, ma...

Uma boca cheia de água abafou o resto da frase quando Julienne tentou acenar à mãe ao mesmo tempo que nadava. Pelo canto do olho, Faye viu Ingrid apressar-se na direcção da piscina.

Na sala, pegou na mala de viagem pronta. A limusine que a levaria até Roma já tinha chegado. Levantou a bela mala *Louis Vuitton* do chão para que as rodas não riscassem o soalho de madeira escura e brilhante e dirigiu-se para a porta da frente. Quando passou pelo quarto transformado no escritório de Kerstin, viu que a amiga estava absorta em algo no monitor do computador, com os óculos de leitura, como sempre, na ponta do nariz.

— Toque-toque, vou-me embora agora...

Kerstin não levantou a cabeça, continuava com uma profunda ruga de preocupação entre os olhos.

— Está tudo bem?

Faye deu um passo para dentro do escritório e pousou a mala.

— Não sei — respondeu Kerstin lentamente, sem olhar para ela.

— Estás a deixar-me ansiosa, há algum problema com a nova emissão de ações? Ou é a expansão para os Estados Unidos?

Kerstin abanou a cabeça.

— Ainda não percebi.

— Devo ficar preocupada?

Kerstin demorou a responder.

— Ainda não.

Ouviu-se a buzina de um carro no exterior e Kerstin fez um gesto com a cabeça para a porta da rua.

— Vai lá. Finaliza o negócio em Roma. Falamos depois.

— Mas...

— De certeza que não é nada.

Kerstin sorriu-lhe tranquilizadamente, mas, enquanto Faye se dirigia para a pesada porta de madeira, não conseguiu livrar-se da sensação de que algo estava a acontecer, algo ameaçador. Mas acabaria por resolver tudo. Tinha de o fazer, ela era esse tipo de pessoa.

Sentou-se no espaçoso banco traseiro, fez um sinal para que o motorista partisse e abriu a pequena garrafa de champanhe que tinha à sua espera. Enquanto o carro percorria as estradas em direcção a Roma, bebericou do copo, pensativa.

Faye examinou o seu rosto no espelho do elevador. Três homens de fato e gravata olharam para ela apreciativamente. Faye abriu a sua mala *Chanel*, pegou no batom da própria *Revenge* e, devagar, pintou os lábios entreabertos. Prendeu uma madeixa do cabelo loiro atrás da orelha e voltou a fechar a tampa com o «R» gravado, ao mesmo tempo que o elevador chegou ao *lobby* e os homens se afastaram para a deixar sair primeiro. Quando o porteiro abriu as portas de vidro, os seus passos ecoaram no chão de mármore branco e a brisa noturna fez o vestido vermelho esvoaçar.

— Táxi, *signora*? — perguntou-lhe.

Sem abrandar o passo, Faye abanou a cabeça com um sorriso e virou para a direita quando alcançou o passeio. Ao seu lado, o trânsito estava parado. Os carros apitavam, os condutores praguejavam através das janelas abertas.

Desfrutou da liberdade de ser uma visitante sozinha numa cidade onde não conhecia muita gente e onde ninguém podia exigir nada dela. Estava livre de responsabilidades, livre de culpa. A reunião com Giovanni, o proprietário da pequena empresa familiar de cosméticos que completaria a linha de produtos já existentes da *Revenge*, correria lindamente. Assim que Giovanni percebera que não chegaria a lado nenhum com técnicas de intimidação e superioridade masculina para tentar convencê-la a aceitar os seus termos e condições, a reunião virara a favor dela.

Faye adorava o jogo das negociações. A maior parte das vezes, os seus adversários eram homens e cometiam sempre o erro de subestimar as suas capacidades, baseados unicamente no facto de ela ser mulher. Quando, mais tarde, se viam obrigados a reconhecer a derrota,

havia dois tipos de homens: os que saíam da reunião a ferver de raiva e com um ódio às mulheres ainda mais enraizado; e aqueles que adoravam e se entusiasmavam com a sua presença e conhecimento e saíam da reunião com uma dura saliência entre as pernas e um convite para jantar mais tarde.

Quando Faye saiu para a noite morna e agradável, a cidade vibrava à sua volta. Sentiu-se abraçada por tudo aquilo por que ansiara. Não tinha nenhum objectivo específico para o passeio, sabia que a oportunidade surgiria, desde que deixasse o pulsar da cidade controlar o seu corpo.

Dali a pouco, seria obrigada a colocar de novo a máscara, a desempenhar o papel que se tornara o seu no país natal. Porém, naquela noite, podia ser quem ela bem entendesse.

Continuou a andar até chegar a uma bela praça empedrada e vagueou pelos labirintos de becos e ruelas. Uma pessoa tinha de se perder para poder encontrar-se outra vez, pensou para si própria.

Um homem saiu das sombras e, sussurrando, ofereceu-lhe os seus artigos. Faye limitou-se a abanar a cabeça. Uma grande porta banhada pela luz amarela dos candeeiros de rua abriu-se suavemente, e duas pessoas, um homem e uma mulher, que estavam à espera do lado de fora, entraram.

Faye deteve-se e olhou à sua volta antes de dirigir os passos para a mesma porta, que se fechara atrás do casal. Uma pequena campainha e, por cima, uma câmara. Tocou no botão, tentou ouvir o som da campainha, mas nada. Finalmente, um estalido, e a porta abriu-se. Uma sala enorme, cheia de pessoas bonitas e o som de copos de cristal a tinar, apareceu diante dela. Ao fundo, uma parede toda de vidro e, do outro lado, um magnífico terraço. As ruínas iluminadas do Coliseu brilhavam como uma nave espacial despenhando-se à distância.

Num enorme espelho com moldura dourada, Faye podia ver as sombras sem rosto de pessoas bem vestidas, a conversar em grupos atrás dela. As mulheres, nos seus elegantes vestidos curtos, eram jovens, maquilhadas com bom gosto e bonitas. Os homens eram,

quase todos, um pouco mais velhos, mas também bem-parecidos e emanavam aquela calma autoconfiança que a riqueza geralmente proporciona. Os pequenos fragmentos de conversas que chegavam até ela eram todos em italiano. Os copos enchiam-se, esvaziavam-se e voltavam a ficar cheios.

A alguns metros dali, Faye viu um casal a beijar-se. Observou-os, fascinada, não conseguia desviar o olhar. Eram jovens, talvez à volta dos vinte e cinco anos. Ele era alto, bonito à boa maneira italiana, com uma barba de três dias bem arranjada, o nariz delineado e o cabelo escuro penteado para o lado. Ela usava um vestido branco, exclusivo, justo sobre as ancas e que lhe acentuava a cintura estreita. O cabelo castanho-escuro preso num penteado simples.

Era óbvio que estavam tão apaixonados, que não conseguiam tirar as mãos um do outro. Constantemente, os dedos dele subiam pelo interior das coxas bronzeadas dela. Faye sorriu. Quando os seus olhos e os da outra mulher se encontraram, não desviou o olhar, continuou apenas a observar o casal calmamente. Levou a sua bebida, um *whisky sour*, aos lábios. Em tempos, também ela estivera apaixonada daquela maneira. Mas o amor sufocara-a, transformara-a numa massa apática, fechada numa gaiola de ouro.

Os pensamentos de Faye foram interrompidos quando a jovem mulher, de repente, se aproximou dela.

— Eu e o meu noivo gostaríamos de saber se quer tomar uma bebida connosco — disse-lhe em inglês.

— Não parecem querer companhia — respondeu Faye, divertida.

— Queremos a sua. É muito bonita.

Chamava-se Francesca, nascera em Porto Alegre, na costa atlântica do Brasil, trabalhava como modelo e pintava quadros. Ele chamava-se Matteo. Explicou, com um sorriso tímido, que a sua família era proprietária de um império hoteleiro e de restaurantes, que também pintava mas não tão bem como Francesca. Eram os dois simpáticos, educados e fizeram-na rir com vontade. A sua exuberância e despreocupação eram contagiosas. Faye deixou-se levar e tomou

mais duas bebidas. Sentiu-se deslumbrada pela beleza dos dois, pela juventude e pelo amor, sem sentir qualquer ponta de ciúme. Não sentia falta de um homem. Queria controlar a sua própria vida sem ter de levar em consideração a de outro. Mas adorava vê-los juntos.

Ao fim de uma hora, Matteo desculpou-se e deslocou-se em direcção às casas de banho.

— Estamos quase de saída — disse Francesca.

— Eu também, vou viajar para casa amanhã.

— Quer vir connosco a nossa casa um bocado, continuar a noite?

Faye ponderou o convite sem desviar o olhar. O sono perdido, poderia perfeitamente recuperá-lo a caminho de casa. Não queria que a noite acabasse, ainda não. Queria conhecê-los melhor.

O táxi deteve-se em frente a uma casa alta e imponente. Matteo pagou, saíram os três do carro e um porteiro de uniforme abriu-lhes a porta. O apartamento ficava no último andar do edifício, tinha grandes janelas panorâmicas e uma varanda com vista para um belo parque. Havia fotografias a preto e branco penduradas nas paredes e, quando Faye as observou mais de perto, reparou que muitas delas eram de Francesca. As colunas de som depressa começaram a espalhar um tipo de música *pop* italiana. Atrás dela, Matteo preparava bebidas a partir de garrafas pousadas num carrinho, enquanto Francesca contava uma história que levou Faye a rir-se tão alto como não fazia há muito tempo.

Sentou-se num gigantesco sofá bege ao lado de Francesca. Matteo passou-lhes as bebidas antes de se sentar do outro lado de Faye. A embriaguez girava agradavelmente dentro da sua cabeça, os barulhos da rua lá em baixo faziam-na sentir-se calma ao mesmo tempo que se enchia de uma expectativa tensa e excitação.

Francesca pousou a sua bebida na mesa de centro, inclinou-se para a frente, passou os dedos suaves na alça fina do vestido vermelho de Faye e beijou-lhe a clavícula. Ondas quentes percorreram todo o seu corpo. Matteo virou-lhe a cabeça na sua direcção, os seus lábios

aproximaram-se dos dela, mas afastou-os no último instante, deixou a boca descer ao longo do seu pescoço, mordiscou-lhe a nuca antes de a beijar. A mão de Francesca acariciou-lhe suavemente a coxa, continuou a subir e interrompeu a trajetória no último momento, voltando a aparecer, provocadoramente, no fundo das suas costas. Parecia tudo um sonho.

Despiram-na a ela primeiro, depois a eles próprios.

— Quero ver-vos aos dois — segredou Faye. — Juntos.

O rosto de Jack surgiu-lhe na mente, pensou nas vezes em que ele falara de convidar outra mulher para a cama deles. Faye recusara. Não por não se sentir atraída pela ideia, mas porque fora sempre tão evidente que seria apenas para o prazer dele. Para Francesca e Matteo, parecia ser diferente. Faye estava ali para satisfazer os dois. Não porque eles talvez estivessem fartos um do outro, mas porque o seu amor e atracção eram tão fortes que transbordavam e até eram suficientes para partilhar com mais uma pessoa. Faye estava a desfrutar de toda a situação.

Quando Matteo a pressionou para a frente, inclinada sobre Francesca, e a penetrou por trás, Faye gemeu. Fixou o olhar nos olhos profundos e arregalados da brasileira enquanto o seu noivo a penetrava. A boca de Francesca estava entreaberta e os olhos curiosos, intensos.

— Gosto de te ver fodê-la, amor — sussurrou Francesca para Matteo.

Faye era apenas um instrumento para eles, uma forma de fortalecer a união e proximidade entre os dois, mas, ao mesmo tempo, sentia-se incluída.

Quando Faye estava quase a vir-se, Matteo saiu de dentro dela. O profundo sofá transformara-se num emaranhado de corpos nus e suados. Faye nunca experienciara nada tão íntimo como poder fazer parte do prazer daquelas pessoas bonitas e apaixonadas. Quando Francesca se aproximou dela, o seu corpo tremia. Com os olhos fixos uma na outra, colocaram-se as duas de gatas na beira do sofá com as costas arqueadas. Matteo estava de pé atrás delas e penetrou

primeiro Francesca, depois Faye, e continuou a penetrá-las alternadamente. Por fim, Faye atingiu o orgasmo. Gritou alto. Matteo já não conseguia resistir mais, a sua respiração ficou cada vez mais pesada.

— Dentro dela — ofegou Francesca.

Faye sentiu-o ficar mais duro antes de explodir.

De seguida, foram os três, estreitamente entrelaçados, deitar-se na enorme cama do quarto ao lado. Ofegantes, partilharam um cigarro. Faye ligou o despertador no telemóvel para não acordar demasiado tarde e depois tentou adormecer. Ao fim de meia hora, desistiu. Desenrolou-se com cuidado e levantou-se da cama sem acordar o casal. Eles mexeram-se um pouco enquanto dormiam, abraçaram-se e encostaram-se um ao outro, no local quente da cama onde Faye estivera deitada.

Nua, serviu um copo de champanhe de uma garrafa que já estava aberta, pegou no copo e na garrafa e foi para a varanda. A cidade estava cheia de sons e luz, e Faye sentou-se numa cadeira reclinável, com os pés apoiados no parapeito. Uma brisa quente de Verão acariciou o seu corpo nu, fê-la arrepiar-se. Porém, o que deveria ter sido um momento perfeito foi arruinado pela memória da expressão facial de Kerstin ao olhar para o monitor do computador, precisamente antes de Faye partir no dia anterior. Não havia muita coisa capaz de perturbar Kerstin, ela era uma rocha contra a qual outras se desintegravam em areia. Algo não estava certo.

Absorta nos pensamentos que se precipitavam, Faye continuou a bebericar o champanhe. Havia tanta coisa que poderia correr mal com uma empresa tão grande como a Revenge e com as enormes apostas que elas estavam a fazer! Muito dinheiro, grandes investimentos, lucros imensos mas também grandes riscos. Nada era seguro. Nada era inabalável. Faye, melhor do que ninguém, sabia disso.

Virou-se e observou o belo casal deitado na cama, lá dentro. A imagem fê-la sorrir. Agora não queria pensar na expressão preocupada de Kerstin, não queria pensar em tudo o que a esperava. Queria algo diferente.

— Mamã!

Julienne foi a correr ter com Faye e deu-lhe um abraço encharcado.

— Não corras na parte empedrada! — gritou Ingrid do sofá de verga.

— Ficaste toda molhada agora, mamã — disse Julienne, preocupada, quando se soltou do abraço e viu que a parte da frente da blusa de Faye ficara com uma mancha húmida.

— Não faz mal, meu amor. Isto já seca. Mas não me digas que não saíste da piscina desde que eu me fui embora!?

— Não — respondeu Julienne com uma risadinha. — Dormi na piscina e também comi na piscina.

— Ora esta, eu a pensar que a minha filha era uma menina, mas, afinal, é uma sereia!

— Sim! Como a Ariel!

— Exactamente como a Ariel.

Faye acariciou o cabelo molhado da filha, que começava a ficar com tons esverdeados por causa do cloro.

— Vou subir e arrumar as minhas coisas, volto daqui a um bocado — disse Faye a Ingrid, que se limitou a assentir com a cabeça antes de retomar a leitura do seu livro. Aparentemente, já começara a confiar mais nas capacidades de Julienne na piscina.

Faye subiu as escadas até ao andar de cima e levou a mala de viagem para o quarto. Despiu rapidamente a blusa molhada, assim como as restantes roupas com que viajara, e vestiu um macio fato de treino de algodão. Guardou a mala no seu *walk-in closet*. A empregada, Paola, poderia arrumar o resto das coisas mais tarde.

A sua cama estava com um aspecto tão convidativo, que Faye se deitou em cima da colcha, as mãos atrás da cabeça, e permitiu-se relaxar durante alguns momentos. As memórias do que acontecera na cama em Roma fizeram-na sorrir. Bocejou e apercebeu-se de quão cansada estava, não descansara um único minuto na noite anterior. Por outro lado, dormira durante toda a viagem de regresso a casa. Não queria arriscar adormecer agora, mas, ao longo dos anos, aprendera a arte de descansar profundamente durante alguns minutos para, de seguida, se levantar com mais energia. O truque consistia em resistir ao impulso de fechar os olhos, por isso, olhou em volta e deixou o olhar pousar tanto nos pormenores como no todo.

O quarto era o seu oásis. Também aqui a paleta de cores era clara, o branco fresco conjugado com um azul-suave. Móveis esguios e elegantes, nada que sobrecarregasse. Nada como a enorme secretária de madeira maciça que comprara como presente para Jack apenas porque, em tempos, tinha pertencido a Ingmar Bergman. Jack adorava esse tipo de coisas. Grandes gestos, grandes oportunidades para se gabar. Ter a possibilidade de mostrar a casa aos convidados e, como quem não quer a coisa, mencionar que aquela secretária que acabavam de ver pertencera ao grande cineasta.

Faye observou a sua secretária branca e elegante com satisfação. Nunca fora propriedade de nenhum velho de merda, tirânico e pretenso, que enganara e explorara as mulheres da sua vida. Só lhe pertencera a ela, sem o peso do passado. Tal como Faye, que se libertara da sua própria história, que se reinventara.

Sentou-se e deixou as pernas balançarem sobre a beira da cama. A preocupação com o que o Kerstin dissera começara de novo a fazer-se sentir. Não podia adiar mais. Foi até ao escritório de Kerstin, mas, como estava vazio, assumiu que ela estaria no quarto. Kerstin fazia sextas frequentes à tarde, mas Faye tentava sempre evitar pensar no facto de que a amiga já não era nenhuma jovem, que já vira setenta Primaveras chegar e partir. Só pensar que Kerstin nem sempre estaria ao seu lado fazia com que Faye sentisse dificuldade em respirar.

Quando perdera Chris, fora lembrada com excessiva clareza de que nada, nem ninguém, podia ser tomado como garantido. E a morte, apesar de tudo, fazia parte da sua vida há demasiado tempo.

Bateu à porta do quarto de Kerstin.

— Estás acordada?

— Não estou a dormir!

Kerstin sentou-se na cama, meio adormecida, quando Faye entrou no quarto. Com os olhos ainda enevoados pelo sono, esticou-se para alcançar os óculos que estavam em cima da mesa-de-cabeceira.

— Dormiste bem?

— Não estava a dormir — insistiu Kerstin. Levantou-se e alisou as calças. — Estava só a descansar os olhos.

Faye franziu ligeiramente o nariz devido aos odores fortes no grande quarto da amiga. Depois de, num voo, ter conhecido Bengt, que estava destacado na Embaixada sueca em Mumbai, Kerstin começara a passar cada vez mais tempo na Índia. Envolvera-se na ajuda a um orfanato e viajava sempre até lá com enormes quantidades de bens essenciais para as crianças. O único senão era que também voltava sempre para casa com enormes quantidades de decoração indiana. De vez em quando, tentava esgueirar alguma pequena almofada ou manta com franjas douradas para o sofá da sala, mas Paola tinha ordens estritas para que todas essas coisas fossem rapidamente devolvidas para o «*Miss Karin's room*». Desde cedo que tinham desistido de todas as tentativas de ensinar a impetuosa italiana a pronunciar o nome de Kerstin, de modo que o compromisso fora alcançado com a versão mais simples de «Karin».

— Estás com saudades do Bengt?

Kerstin resfolegou e calçou um par de chinelos colocados apurmadamente aos pés cama.

— Na minha idade, já não sentimos saudades. É mais... é diferente, quando se é mais velho.

— Oh, conversa da treta — respondeu Faye a sorrir. — A Paola já me contou que a «*Miss Karin has much nicer underwear now*».

— Então, Faye...!

Kerstin corou até ao pescoço e Faye não conseguiu resistir ao impulso de a abraçar.

— Fico tão contente por ti, Kerstin. Mas espero que ele não esteja a pensar ficar contigo o tempo todo, nós também precisamos de ti aqui.

— Não te preocupes, depois de uma temporada lá, fico farta dele. O sorriso de Kerstin não foi totalmente convincente.

— Anda, vamos até ao escritório. Tenho uma coisa que preciso de te mostrar.

Desceram as escadas em silêncio e Faye sentiu o coração afundar-se mais a cada passo. Algo estava errado. Mesmo muito errado.

Kerstin sentou-se à secretária e ligou o computador, que começou a zumbir. Faye sentou-se numa das duas grandes poltronas *chippendale* que estavam de frente para a secretária. Embora o escritório de Kerstin também fosse território interdito a saris, Faye decorara-o a pensar na amiga. Para além da sua nova paixão por tudo o que fosse indiano, Kerstin tinha um grande amor na sua vida: Winston Churchill. Por esse motivo, Faye fizera questão de que o seu local de trabalho tivesse um estilo britânico clássico, com um toque moderno. E a verdadeira *pièce de résistance* era, precisamente, uma gigantesca fotografia emoldurada de Winston Churchill, pendurada em lugar de destaque na parede atrás da secretária.

Kerstin virou o monitor para Faye, que se inclinou para a frente e tentou encontrar alguma ordem em todos os algarismos que brilhavam no ecrã. Faye era uma conhecedora exímia da numerologia do mundo dos negócios, mas Kerstin provara ser a verdadeira dominadora. Winston observava-as severamente, mas Faye evitou olhar para o quadro. Naquele momento, não precisava do olhar recriminatório de um homem.

— Como tens andado muito ocupada com a expansão para os Estados Unidos e a nova emissão, eu tenho controlado mais

os movimentos nas acções da Revenge. Antes da tua ida a Roma, houve dois lotes de acções que foram vendidos. E agora foram mais três.

— E o comprador foi sempre o mesmo?

Kerstin abanou a cabeça.

— Não, mas não consigo deixar de sentir que, apesar disso, tudo parece sincronizado.

— Estás a dizer que alguém está a tentar assumir o controlo da Revenge?

— Talvez — respondeu Kerstin e olhou para Faye por cima dos óculos. — Receio que seja isso que estamos prestes a enfrentar.

Faye recostou-se na poltrona. O seu corpo estava tenso e cada veia cheia de adrenalina. Forçou-se a permanecer calma, apesar de os pensamentos girarem velozmente na sua mente. Era demasiado cedo para especulações, o que precisava acima de tudo agora era de factos.

— Quem é que está a vender?

— Imprimi uma lista para tu veres.

Kerstin estendeu-lhe uma folha. Conhecia-a bem, informações críticas de negócios era algo de que ela precisava sempre de analisar em papel, não apenas ler num monitor de computador. Teria de compensar a floresta de outra maneira.

— Não consigo perceber... que elas estejam a vender.

— Agora, não temos tempo para sentimentalismos. Primeiro temos de avaliar a situação, tens de te familiarizar com todos os detalhes enquanto eu continuo a investigar. Depois podemos zangar-nos. Mas agora não. É energia que não podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar neste momento.

Faye assentiu lentamente com a cabeça. Sabia que Kerstin tinha razão, mas, ainda assim, era difícil desviar os pensamentos da especulação sobre quem, de todas as mulheres em quem ela confiara, vendia agora as suas quotas. Nas suas costas.

— Quero analisar tudo contigo, lançamento por lançamento.

Kerstin assentiu.

— Vamos começar então.

Faye olhou para Kerstin antes de voltar de novo os olhos para a folha de papel à sua frente. Sentiu a ansiedade apertar-lhe o estômago. Não antecipara uma situação destas. E isso preocupava-a mais do que qualquer outra coisa.

A casa estava em silêncio. Já toda a gente fora para a cama, excepto Faye. Continuava agarrada à lista, analisava-a continuamente, uma e outra vez. Tentava concentrar-se.

Os algarismos dançavam à frente dos seus olhos. Estava cansada e desmoralizada, uma sensação que não experimentava já há muito tempo, desde Jack, e que desprezava intensamente. Pensamentos proibidos entranhavam-se na sua mente. E se fosse tarde demais? E se já não fosse possível salvar a Revenge? E se ela tivesse baixado tanto a guarda durante os últimos dois anos, que o inimigo conseguira entranhar-se sem que se apercebesse? Nunca seria capaz de se perdoar por isso. Fraqueza era algo que deixara para trás. Que deixara com Jack. Era ele o portador da fraqueza dela e, agora, usava-a tão próxima como as roupas mal ajustadas da prisão.

Faye pousou a folha de papel. A sensação de traição ardia-lhe na pele. Os nomes na lista das mulheres que tinham vendido as suas acções eram-lhe extremamente familiares. Os seus rostos passavam-lhe a voar pela mente, mulheres a quem apresentara a ideia por detrás da criação da Revenge. Mulheres que conseguira convencer e que tinham decidido acreditar na Revenge, acreditar nela. Porque é que ninguém lhe tinha contado? A conversa sobre uma irmandade não significara nada para elas? Apenas para Faye?

Praguejou quando pedacinhos de rímel seco lhe entraram para os olhos, que esfregou por arderem de cansaço. Piscou-os freneticamente e apressou-se até à casa de banho para remover a maquilhagem. De qualquer forma, estava demasiado cansada para alcançar fosse o que fosse naquele momento. As aventuras da noite anterior ainda se faziam sentir e apercebeu-se de que, sem um sono

retemperador, não poderia ser útil para ninguém, nem para si nem para a Revenge.

Precisamente quando acabava de retirar a colcha de cima da cama para se enfiar nos seus lençóis de algodão egípcio, foi-se abaixo. Virou o olhar para a porta e sentiu a saudade percorrer-lhe o corpo todo. Saiu em silêncio para o corredor. A porta do quarto de Julianne estava entreaberta, a filha nunca queria dormir com ela completamente fechada. Faye abriu a porta com cuidado e entrou. Um pequeno candeeiro de presença em forma de coelho projectava uma luz suave pelo quarto. Luz suficiente para afugentar todos os fantasmas. Julianne dormia de lado, com as costas viradas para Faye. Os seus cabelos compridos e claros estavam espalhados sobre a almofada. Muito lentamente, enfiou-se na cama, ao lado da filha. Afastou o seu cabelo da almofada e deitou-se com cuidado atrás dela. Julianne gemeu ligeiramente, ainda a dormir, e mexeu-se um pouco mas não acordou, nem sequer quando Faye colocou um braço à sua volta. Aproximou-se de Julianne milímetro a milímetro, até ficar com o nariz enterrado no seu cabelo, que cheirava a alfazema e a cloro.

Faye fechou os olhos, sentiu a tensão dissipar-se lentamente e o sono apoderar-se dela. Ali, com os braços à volta do corpo da filha, sabia que tinha de fazer tudo o que fosse possível para salvar a Revenge. Não por si, mas por Julianne.

Fjällbacka — naquela altura

Apesar de só ter doze anos de idade, sentia-me como se já soubesse tudo sobre a vida. Uma existência em Fjällbacka era completamente previsível. Sempre a mesma oscilação entre dez meses de quietude total e dois meses de caos absoluto no Verão. Toda a gente se conhecia, no Verão chegavam sempre os mesmos turistas, ano após ano. Em casa, também nada mudava. Era como se corrêssemos numa roda de ratos, à volta, à volta, sem qualquer hipótese de chegar fosse a que lado fosse. Sem que nada alguma vez mudasse.

Por isso, já sabia, quando nos sentámos para jantar, que iria ser uma daquelas noites. Senti o cheiro a álcool do meu pai assim que cheguei a casa, vinda da escola.

Eu tanto adorava como odiava a nossa casa. Era a casa de infância da minha mãe, uma herança dos meus avós, e tudo o que eu adorava na casa estava relacionado com ela. Ela tinha feito o melhor possível, era uma casa fofinha e aconchegante, tudo o que se associava a um lar feliz e confortável. Uma mesa de madeira gasta, que estava ali desde o tempo dos meus avós. As cortinas de linho branco que a minha mãe costurou sozinha — ela tinha jeito para a costura. A tapeçaria emoldurada, bordada em ponto de cruz, que a avó tinha recebido como presente de casamento da minha bisavó. As escadas inclinadas e sinuosas, com uma corda grossa a fazer de corrimão, que tinham vestígios dos passos de várias gerações anteriores. Os pequenos quartos e as suas janelas brancas e pinázios de madeira. Adorava tudo aquilo.

O que odiava eram os vestígios do meu pai. As ranhuras feitas com a faca na bancada da cozinha. As marcas na porta de madeira da sala de estar, das vezes em que ele a abria aos pontapés, quando

tinha ataques de raiva porque estava bêbedo. O varão dos cortinados que ficara ligeiramente curvado depois daquela vez em que puxara uma das cortinas para a enrolar à volta da cara da minha mãe, até Sebastian finalmente ter reunido coragem para o puxar para longe dela.

A lareira da sala de estar era uma das coisas que eu adorava. No entanto, os retratos pendurados por cima dela eram uma verdadeira farsa. As fotografias de família que a minha mãe tinha posto ali, o sonho de uma vida que não existia de todo. Fotografias dela e do meu pai, de mim e de Sebastian, o meu irmão mais velho, todos sorridentes. Eu queria arrancá-las dali, mas, ao mesmo tempo, não queria deixar a minha mãe triste. Era por nossa causa que ela tentava manter o sonho vivo. Uma vez, também lá pôs uma fotografia do irmão dela, mas, quando o meu pai viu o retrato do tio Egil, ficou completamente louco. Enquanto a minha mãe estava no hospital, ele certificou-se de que a fotografia desaparecia.

Até sentia dores de barriga enquanto esperava que tudo explodisse. Como sempre acontecia.

As horas depois de chegar a casa da escola, o meu pai passara-as sentado na sua poltrona gasta, em frente à televisão que nem sequer estava ligada, enquanto o nível na sua garrafa de vodca descia cada vez mais depressa. A minha mãe também sabia. Consegui ver isso nos seus movimentos irrequietos e agitados. Preparou a comida com cuidados redobrados, fez um jantar que incluía todas as coisas preferidas do meu pai: entremeada de porco com feijão-manteiga, cebola frita e batatas. Tarte de maçã com natas batidas para a sobremesa.

Nenhum de nós gostava de entremeada com feijão-manteiga, mas sabíamos que, de qualquer maneira, todos íamos comer aquilo. Ao mesmo tempo que também sabíamos que nada ajudava. O ponto crítico já tinha sido ultrapassado, como um balancé que passava o ângulo a partir do qual a descida era o único caminho possível.

Ninguém disse nada. Pusemos a mesa em silêncio, usámos a loiça de porcelana, os guardanapos de pano que eu dobrei em forma

de leque. O meu pai nunca prestava atenção a essas coisas, mas deixávamos sempre a mãe acreditar que talvez pudesse ajudar. Que ele veria quanto nos tínhamos esforçado, como era boa a comida que a minha mãe tinha preparado, que algo dentro dele se sentiria comovido pelos nossos cuidados e mudaria de ideias. Simplesmente, mudaria de ideias. Que deixasse o balancé voltar à sua posição original. Porém, não havia nada dentro dele que pudesse comover-se, que pudesse ficar afectado. Estava vazio. Oco.

— Gösta, a comida está na mesa.

A voz da minha mãe tremeu ligeiramente quando tentou soar alegre. Com cuidado, passou as mãos pelo cabelo. Estava arranjada, tinha prendido o cabelo e vestido uma blusa e um par de calças bonitas.

Não demorou até estarmos todos sentados nos nossos respectivos lugares. A minha mãe serviu o prato do meu pai com a quantidade exacta de entremeada que sabia que ele queria. Os feijões, a batata e a cebola frita, na proporção certa. O meu pai olhou para o prato. Durante muito tempo, demasiado tempo. Sabíamos, os três, o que aquilo implicava. Eu, a mãe e Sebastian.

Ficámos congelados num movimento, congelados numa prisão na qual eu e Sebastian vivíamos desde que tínhamos nascido e a minha mãe desde que conhecera o meu pai. Ficámos congelados enquanto ele olhava fixamente para o prato. Depois, muito devagar, como em câmara lenta, pegou numa mão-cheia de comida. Entremeada, feijão-manteiga, batata e cebola. Conseguiu apanhar um pouco de tudo na sua palma enorme. Com a outra mão, com força, agarrou no cabelo da minha mãe, pelo penteado que ela tanto se esforçara por fazer. Depois, esfregou-lhe a comida na cara. Lenta e meticulosamente, esmigalhou-a à volta do seu rosto.

A minha mãe não fez nada. Sabia que a única hipótese era não fazer nada. Mas tanto eu como Sebastian sabíamos que, naquela noite, isso não seria suficiente. O olhar dele estava demasiado frio. A garrafa já muito vazia. A mão à volta do penteado apertada com demasiada força. Não tivemos coragem de olhar para ela. Nem um para o outro.

O meu pai levantou-se devagar e puxou a minha mãe até ela se levantar da cadeira. Vi alguns restos de carne e feijões no seu rosto. Do forno, chegava-nos o aroma do açúcar e da canela da tarte de maçã, a preferida do meu pai. Fiz uma revisão mental de todos os cenários possíveis que podiam desenrolar-se. Todas as partes do corpo que ele podia escolher atacar. Talvez fosse visitar uma zona já muito familiar. Como os braços, que já tinham fracturas em cinco sítios diferentes. Ou as pernas, que tinham duas. As costelas, partira-as em três ocasiões diferentes. O nariz, uma vez.

Nessa noite, aparentemente, o meu pai estava a sentir-se criativo. Com toda a força do seu braço musculado, depressa pressionou a cara suja da minha mãe contra a mesa. Os dentes dela bateram contra o canto da mesa e conseguimos ouvir o som deles a partirem-se. Um fragmento de dente quase me entrou para o olho, as pestanas impediram-no e a lasca caiu no meu prato. No meio dos feijões-manteiga.

Sebastian sobressaltou-se, mas continuou sem levantar o olhar.

— Comam! — cuspiu o meu pai.

E nós comemos. Com o garfo, empurrei o pedaço do dente da minha mãe para o canto do prato.

ASAS DE PRATA

COMO A VINGANÇA DE UMA MULHER
PODE SER BELA E BRUTAL

Graças a um plano refinado e cruel, Faye deixou para trás a traição e as humilhações sofridas pelo agora ex-marido Jack e parece ter assumido as rédeas da sua existência: é uma mulher independente, reconstruiu a sua vida num outro país e longe do seu passado. Jack está na prisão e a empresa que Faye fundou, a *Revenge* (Vingança), cresce com grande sucesso.




Mas novos desafios correm o risco de quebrar a serenidade conquistada com muito esforço. De facto, o lançamento da marca *Revenge* nos Estados Unidos da América desperta uma séria ameaça, e Faye é forçada a voltar a Estocolmo.

Com a ajuda de um selecto grupo de mulheres, lutará, uma vez mais, para defender o que é dela e para proteger-se a si e àqueles que ama.

Depois do grande sucesso internacional de *Uma Gaiola de Ouro*, chega mais um episódio da história de Faye: traição, redenção e solidariedade feminina num novo drama sobre a vingança.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 sumadeletrasportugal

ISBN 9789897845291



9 789897 845291 >